



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Definindo os rumos do PSDB

Com o desafio de reencontrar o caminho do PSDB, que já governou o País por oito anos, o ex-governador de Goiás, presidente do partido, Marconi Perillo (foto à esq.), trabalha para recuperar o tamanho da agremiação, esvaziada com prefeitos migrando para outros caminhos partidários. Em Brasília, falou dos rumos do PSDB e garantiu que terá candidato à presidência da República. Avaliou a tragédia climática no Rio Grande do Sul e disse esperar que não transformem a catástrofe em palanque político.



CANTON DOMESTES/JC

Parceria de resultados

O presidente do PSDB acentuou que torce por parceria de resultados entre o ministro Paulo Pimenta (PT) e o governador Eduardo Leite (PSDB), em favor do Estado. Avaliou que, “nesse aspecto, o governador Eduardo Leite é um mestre em termos de diplomacia, de serenidade e de equilíbrio”.

Dinheiro a fundo perdido

Marconi Perillo destacou a solidariedade dos brasileiros em favor do povo do Rio Grande do Sul. Disse que “o governador tem feito um esforço extraordinário, mas enfim, o mais importante é que as coisas aconteçam”. Comentou o anúncio do governo federal, de um aporte de R\$ 50 bilhões. “Pelo que eu soube, R\$ 47 bilhões é empréstimo. O Rio Grande do Sul já é historicamente um dos estados mais comprometidos com dívidas do País, deve cerca de R\$ 98 bilhões, e o que o Estado precisa neste momento, para ajudar na reconstrução, é aporte a fundo perdido, porque o Estado não tem dinheiro para arcar com a operação de crédito”.

Estado de guerra

“O governo federal precisa compreender que o Rio Grande do Sul vive um estado de guerra, o Estado foi detonado, destruído pelas enchentes”, avaliou Marconi Perillo, em entrevista ao programa Perspectivas, do SBT. “É preciso que haja um esforço na reconstrução, não é uma coisa pequena, tem que reconstruir casa, tem que criar cidades novas, tem que se reconstruir hospitais, escolas, pontes, estradas”, defendeu.

Candidaturas à presidência

Quanto ao rumo do partido no Estado, Perillo ponderou que o governador Eduardo Leite vive esse drama todo no Rio Grande do Sul. “Ele tem que liderar o Estado na sua retomada, no seu renascimento; depois de tanta tragédia. Tenho certeza que ele vai sair maior dessa crise, dessa dificuldade, mais forte. Ele não vai ter tempo de falar de política agora, tem que cuidar da reconstrução do Estado. Eduardo Leite é e continuará sendo nosso pré-candidato à presidente da República.”

Sem plano B

Questionado se teria um plano B, Marconi Perillo foi taxativo: “Eu não trato de plano B”.

Foco 100% no Estado

O deputado federal gaúcho Lucas Redecker (PSDB) disse que Eduardo Leite tem todos os predicados e as qualificações, qualidades para ser candidato a presidente ou o que quiser. “Entretanto, não é o momento de nós estarmos tratando disso. O Rio Grande do Sul vive uma situação muito delicada de recuperação. Não tenho dúvida que o próprio governador não trata desse assunto; não é um assunto da pauta dele e da preocupação dele, tampouco nossa. O foco agora é 100% na recuperação do Estado”, ressaltou o parlamentar.

Debate sobre cheias é

Entrevista Especial

Bruna Suptitz

politica@jornaldocomercio.com.br

O custo com drenagem urbana que deixou de ser pago como taxa de prestação de serviço em Porto Alegre hoje está sendo pago como prejuízo, aponta o engenheiro Carlos Tucci. Assim como praticamente qualquer outra cidade brasileira, a capital não cobra da população a manutenção do sistema de drenagem.

A soma disso com a falta de recursos para investimentos leva a um cenário conhecido, o dos alagamentos constantes em diversas partes da cidade. Essa condição se soma à problemática das cheias enfrentadas em todo o Estado no mês de maio e acende o alerta para o tratamento que o poder público deve dar a este pilar do saneamento básico.

Para Tucci, que coordenou o projeto de elaboração do Plano Diretor de Drenagem Urbana de Porto Alegre, o momento é oportuno para mudar a percepção sobre os investimentos, priorizando as áreas de amortecimento para a água da chuva em vez da canalização, que chega a custar até sete vezes mais. Trata-se de “integrar o planejamento urbano e usar esses espaços novos de amortecimento como uma área de integração urbanística”.

Tucci foi professor no Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Ufrgs e hoje está à frente de uma empresa que desenvolve projetos nas áreas recursos hídricos, meteorologia e geotecnia. Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, ele comenta o convite para prestar consultoria à prefeitura da Capital.

Jornal do Comércio - O prefeito tem falado sobre a intenção de procurá-lo para prestar uma consultoria. O senhor recebeu esse convite?

Carlos Tucci - Sim. Eu vou fazer um histórico até. Em 2023 fomos contratados pela prefeitura para fazer a recuperação das estações de bombas, de quanto ia custar a operação e manutenção de drenagem de Porto Alegre e o Capex, o investimento das bacias de drenagem de Porto Alegre. Quando fizemos esse estudo, que terminou um pouco menos de um ano atrás, estimamos que para recuperar todas as bombas daria em torno de R\$ 400 milhões.

JC - Das 23 bombas da cidade?

Tucci - Isso, recuperar e deixar elas funcionando. Quando tem uma estação de bomba, tem que ver qual é a vazão de projeto daquela bacia, porque se ela não tiver capacidade, inunda na zona da bomba.

JC - Que foi o que ocorreu.

Tucci - Na realidade, o que estamos vendo é que as bombas não tinham stoplock, que é uma válvula que, quando “pifa” a bomba ou para de bombear, ele fecha.

JC - E aí protege a bomba?

Tucci - Não entra água, que é o que aconteceu. A água entrou pelo encanamento que tinha que sair. Como naquele período (da consultoria anterior) não choveu, não precisava da bomba. Mas, se tivesse o stoplock, que custa na ordem de R\$ 100 mil (cada), fecharia tudo. Todo esse conjunto, modernizado, vai funcionar. E esse era o problema de Porto Alegre, porque teve toda a transição dos últimos governos em que não houve manutenção do sistema a ponto de ele poder funcionar de forma adequada.

JC - A prefeitura desmentiu a acusação de que não houve investimento no sistema de proteção de cheias apontando os aportes em drenagem. Pode-se considerar a drenagem como parte do sistema de proteção contra cheias?

Tucci - É. São duas coisas. Lembra quinta-feira (23 de maio), que começou a sair água? Saiu porque a chuva foi dentro de Porto Alegre e não conseguia entrar no rio porque estava com pressão maior, então ela saía dentro da cidade. Então precisa dos dois (drenagem e sistema de proteção). Na maior parte do tempo, o problema era do lado de fora, mas quando tem uma chuva dentro de Porto Alegre, o problema é conjunto. Aquela chuva (do dia 23), se não tivesse o rio alto, ninguém ia notar.

JC - Porque teria vazão.

Tucci - Então esse é o sistema que que tinha que estar funcionando. Há uma questão também de que grande parte da população achava que não devia ter sistema de proteção.

JC - O muro especialmente, isso?

Tucci - Sim. Isso ajudou na motivação. Porque o muro era o culpado de tudo. Esse processo até tem a ver com isso, da falta de motivação das pessoas pela importância do sistema de proteção. Se você olhar, por exemplo, a Holanda, um terço está abaixo do nível do mar e eles têm diques e estações de bomba. Qual o problema (aqui)? É antigo, esse tipo de dispositivo (de proteção). Você não está fazendo um high tech, uma coisa que deu problema porque faltava um chip. É um equipamento e um processo simples tecnicamente, bastante conhecido. O aeroporto de Amsterdã está a 4 metros abaixo do nível do mar. Você já ouviu falar que ele foi inundado?

JC - Tem uma proposta de refazer aquela parte do sistema de proteção do outro lado do Cais, protegendo também os armazéns e tirando o muro, para integrar o Cais com a cidade. O senhor acredita que teria as mesmas condições de proteger a cidade?

Tucci - O que você precisa é ter garantias de que essa nova obra não seja só um murinho que possa amanhã ser derrubado. Tem que ter função de proteção e ser estruturalmente adequado para proteger nas mesmas cotas que estavam antes. Ou até, como agora se percebe (que o nível chegou a) 5 metros e pouco, provavelmente tenha que altear para ter uma borda livre de 1 metro.

JC - O que seria essa borda livre?

Tucci - Sempre qualquer projeto de vertedor de segurança tem



“Você está pagando (taxa de manutenção) em prejuízo, sendo que poderia pagar em serviço”